

Manifestação anti-reforma termina em tumulto

Raimundo Valentim/AE



Manifestantes se concentram em frente ao Centro Cultural do BB, ao lado da Igreja da Candelária

Raimundo Valentim/AE



Soldado da PE perde o equilíbrio e deixa a moto tombar diante de grupo que grita palavras de ordem

Raimundo Valentim/AE



Integrantes da PE avançam por rua do centro do Rio envoltos em nuvem de gás lacrimogêneo

Sindicalistas e estudantes queriam impedir saída de comitiva e foram reprimidos por soldados

GILSE GUEDES
e CHICO OTÁVIO

RIO — A Polícia do Exército enfrentou com bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes cerca de 600 manifestantes que tentaram impedir a saída do presidente Fernando Henrique Cardoso do Centro Cultural Banco do Brasil, na Rua Primeiro de Março, no centro do Rio. Pelo menos seis pessoas ficaram feridas e dois sindicalistas foram presos. Os manifestantes chegaram ao local de surpresa para protestar contra decisões do governo, entre as quais a privatização das estatais, as reformas na Previdência e no ensino. Cerca de 120 homens da PM e 30 da PE cercaram o centro cultural para impedir a invasão.

A confusão começou por volta das 12h30m, quando os manifestantes derrubaram um motociclista do Exército. O militar tentava abrir passagem para a comitiva presidencial, que tentava deixar o local. Neste momento, 30 soldados da PE, armados com cassetetes, escudos e lançadores de gás lacrimogêneo, partiram para o ataque e começaram a atirar bombas de gás contra os manifestantes, que lançavam pedras e latas de refrigerantes contra os militares. O presidente e seus acompanhantes tiveram de sair pelos fundos do prédio.

SALDO DO
CONFRONTO:
DOIS FERIDOS
E DOIS PRESOS

Exaltada, a funcionária da Fundação Nacional de Saúde (FNS), Elaine Neves, foi atingida por vários golpes de cassetete. Um segurança do presidente ameaçou atirar contra os manifestantes.

O comandante do 5º Batalhão da Polícia Militar, tenente-coronel Wolney do Nascimento, foi atingido na mão por estilhaços de uma bomba de efeito moral quando procurava controlar a agitação. O vice-presidente regional da União Nacional dos Estudantes, Leandro Cruz, três funcionários da FNS — Marcos Vinícius Pereira Vasconcelos, Marcelo Faria Lins, Dejalson Lopes de Oliveira —, e o fotógrafo do *Jornal do Brasil* Michel Filho saíram feridos da confusão.

Atingido por uma bomba de gás na perna direita e em um braço, Vasconcelos foi levado para o Hospital Souza Aguiar, no centro.

O ministro do Planejamento, José Serra, que foi presidente da UNE em 1964, considerou a manifestação um "ato político corporativista". "Ele foi realizado para atrair a mídia aproveitando a presença do presidente", disse Serra, que chegou atrasado a um almoço na Associação Comercial por causa da manifestação. Ele teve de caminhar três quarteirões pela Avenida Presidente Vargas, uma das mais movimentadas da cidade.

A organização do ato partiu de vários sindicatos ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e ao PT, PC do B e PSTU, além de várias entidades estudantis. Os estudantes prometeram um novo ataque ao governo, em um ato que será realizado no Rio e em Brasília, no dia 28 de março. "Nesse dia, ele (Fernando Henrique) vai receber o troco", ameaçou Leandro Cruz, da UNE.